

Descartes e a busca da verdade no horizonte do filosofar

Fábio Júlio Fernandes¹

RESUMO

Este artigo mostra como a busca pela verdade emerge como problema em Descartes a partir do sentido de *filosofar*. Procuramos, assim, caracterizar, a partir do texto da “Carta Prefácio”, o filosofar como a procura pelas causas ou princípios: gérmen da filosofia cartesiana.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade; filosofia; filosofar; Descartes

ABSTRACT

This article show how the search for truth arises as problem in Descartes from the sense of philosophizing. We tried, so, characterize, from the text of the “Letter Preface”, the philosophizing as the searching for the causes or principles: germ of cartesian philosophy.

KEYWORDS: Truth; philosophy; philosophizing; Descartes

Para Lu e Alexandre

Descartes e a filosofia das velhas folhas

É conhecido que Descartes estudou em La Flèche, colégio no qual a filosofia era ensinada como um corpo de doutrinas que combinava elementos da filosofia de Aristóteles com a especulação dos textos sagrados. Tal como diz

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista da CAPES pelo programa de pós-graduação. E-mail: ffjuliofernandes@yahoo.com.br

² GILSON, Étienne. In: DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Martins fontes, 2011.

Gilson², o método de pesquisa escolástico visava estabelecer os princípios da filosofia por meio do conúbio de Aristóteles com a escritura, compreendendo essa aliança como aquela que fundaria os princípios para a constituição das ciências. De modo geral, os princípios da ciência eram fornecidos pela exegese dos textos sagrados, a qual pretendia uma união com a razão como se o pensamento estivesse a serviço da fé e a pesquisa a serviço da tradição filosófica.

A essa mistura entre pensamento e fé, Descartes se opõe fortemente. Entretanto, opõe-se em proveito da pesquisa filosófica, que, para o filósofo, deve-se configurar numa franca tensão com o que a Escolástica representa: a autoridade como relicário do conhecimento e da verdade. Ora, sabe-se que a filosofia, em suas raízes, não espelha tal representação; ela não nasce de nenhum gérmen despótico. Por isso mesmo Descartes se põe numa radical exigência pela autonomia e reforma da filosofia e também do próprio pensamento³. Isso quer dizer que, antes de se apoiar nas opiniões de um dogmático Aristóteles, desse modo interpretado, em última instância, a serviço da fé e da tradição – da “filosofia das velhas folhas” –, Descartes busca compreender o que o pensamento – ele próprio –, no exercício pleno de sua liberdade, pode oferecer à ciência e ao alcance de ao menos um conhecimento verdadeiro. Não se quer com isso dizer, todavia, que a Escolástica sacrifica toda a liberdade do pensamento. Entretanto, certamente, a limita na medida em que orienta as suas especulações a partir da concepção dogmática e de uma “ciência já constituída” e, conseqüentemente, não passível de refutação – o que configura, evidentemente, um aprisionamento imposto ao pensamento e um impedimento ao seu livre exercício. Isso enfraquece a potência da *cogitatio* para conhecer, atrofiando a sua espontaneidade originária, esmorecendo, assim, a pesquisa filosófica em seu sentido forte⁴.

³ Ibidem, p. XLI.

⁴ SOARES, Alexandre G. T. de. O Sentido da Cogitatio em “A Busca da Verdade de Descartes”. *Revista Educação e Filosofia*, Número Especial, v. 25, Uberlândia, 2011.

Em objeção a essa postura da tradição, Descartes ousa questionar os fundamentos da metafísica tradicional, buscando libertar o pensamento desse enrijecimento *escolar*. Em defesa de sua radical autonomia e do exercício mais pleno de sua liberdade, percebe a necessidade de tomar o próprio pensamento como interlocutor de sua investigação filosófica⁵. Porém, não sem antes investigar cuidadosamente se alguma autoridade, que pretensamente se arvore a si o domínio do verdadeiro – seja ela a *escola* ou a *revelação divina*, seja a *erudição*, ou até mesmo o *senso comum* –, seria capaz de oferecer uma garantia efetivamente segura para a verdade, a fim mesmo de evitar ser por alguma delas enganado:

Sabia que as línguas que nelas [nas escolas] aprendemos são necessárias para a inteligência dos livros antigos; que a delicadeza das fábulas desperta o espírito, que os feitos memoráveis das histórias o elevam, e que, sendo lidas com discernimento, ajudam a formar o juízo. (...) que os escritos que tratam dos costumes contêm vários ensinamentos e várias exortações à virtude que são muito úteis; que a teologia ensina a ganhar o céu; que a filosofia proporciona meios de falar com verossimilhança de todas as coisas, e de se fazer admirar pelos menos sábios. (...) e, enfim, que é bom ter examinado todas elas, [as ciências] mesmo as mais supersticiosas e mais falsas, a fim de conhecer seu justo valor e evitar ser por elas enganado.⁶

Essa passagem é muito expressiva do esforço de Descartes em examinar as autoridades a fim de reconhecer qual o real valor da tradição para o alcance do conhecimento verdadeiro e para a utilidade desse conhecimento na conduta da vida. Dessa maneira, não despreza a sabedoria dos livros ou mesmo da tradição filosófica e de seus preceptores. Considera-as, antes, na *Carta Prefácio aos Princípios da Filosofia*, como graus de sabedoria⁷. Isso mostra que, por um lado, Descartes é discípulo da tradição clássica, pois reconhece nela muitos ensinamentos úteis para a vida. Por outro lado, não se reconhece filósofo

⁵ GILSON. In: DESCARTES, 2011, p. XL.

⁶ DESCARTES, *Discurso do Método*, 2011, pp.11-12.

⁷ DESCARTES, René. Carta prefácio aos princípios da Filosofia. Tradução de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. In: *O Filósofo e o Autor*. Campinas: Unicamp, 2008.

simplesmente por meio dessa tradição. Muito ao contrário, esquivava-se com permanente diligência a seguir cegamente suas opiniões:

Ora, ambos [Platão e Aristóteles] eram homens de muito engenho e possuidores daquela sabedoria que se adquire através dos quatro primeiros meios – o que lhes conferia grande autoridade, – de maneira que seus sucessores mais cuidaram de seguir a opinião deles do que buscar algo melhor.⁸

O excerto acima expressa a consideração crítica de Descartes diante da influência de Platão e Aristóteles sobre outros filósofos que preferem apegar-se ao saber já constituído do passado a buscar algo melhor para o presente. Ao venerar demasiadamente o passado, arrisca-se atrofiar a potência do pensamento. Descartes, ao contrário, mesmo reconhecendo o valor da tradição, não pretende ser um eterno discípulo dos livros, das autoridades e da História da Filosofia, pois, como diz o próprio Descartes: “manter os olhos cerrados sem nunca tentar abri-los é, propriamente, viver sem filosofar”⁹.

Tentar abrir os olhos consiste, com efeito, em analisar se alguma autoridade propicia o alcance de princípios ou mesmo de um conhecimento verdadeiro. A própria crítica às autoridades e aos fundamentos por elas sustentados assimila em si a atividade filosófica por excelência – o *filosofar* – que configura em Descartes um recomeço que se projeta na procura de princípios incomparavelmente mais seguros que os da tradição e que não podem ser alcançados diretamente por uma *disputatio*, por uma citação de autor ou mesmo por meio de uma nota de rodapé. O alcance dos princípios da filosofia projeta a busca pela verdade no horizonte do pensamento, atividade que caracteriza, diz Descartes, o próprio *filosofar*:

A fim de que esse conhecimento [a Filosofia] seja perfeito, é necessário deduzi-lo das primeiras causas, de sorte que, *para procurar adquiri-lo – o que se chama propriamente filosofar –, é*

⁸ Ibidem, p. 415

⁹ DESCARTES. *Carta prefácio aos princípios da Filosofia*, 2008, p. 409.

preciso começar pela busca dessas primeiras causas, isto é, dos princípios.¹⁰

Essa afirmação mostra que o desafio maior a que Descartes se propõe é o de *filosofar* que, a princípio, segundo o excerto acima, é a procura pelas primeiras causas, princípios, ou, visto pela ótica da “metáfora da árvore cujas raízes são a Metafísica”, de modo que as primeiras causas são, para Descartes, as “sementes de pensamentos”¹¹ capazes de germinar a árvore da Filosofia. Com efeito, ao voltar à busca pela verdade para o campo do pensamento e não dos objetos ou coisas “fora do pensamento”, nota-se que o *filosofar* em Descartes está na contramão da tradição, pois torna a investigação filosófica para um campo ainda incógnito – campo originário da *cogitatio*.

Essa postura de enfrentar as autoridades da tradição em busca do exercício pleno e livre do pensamento – seja na tentativa de vislumbrar um futuro seguro para as ciências, ou ainda na de se orientar para a emergência da vida prática, sem desprezar o passado ou desdenhar o presente – configura em Descartes a mais verdadeira *atitude filosófica* e remonta à sua própria definição de *filosofar*, citada acima. O *filosofar* exprime-se como a “procura das primeiras causas ou princípios, dois quais a sabedoria será deduzida”. O *filosofar* para Descartes, nota-se aí, está intimamente ligado à *sabedoria*, cujo estudo define, ao menos nessa *Carta-Prefácio*, a própria Filosofia. Entretanto, o que é, nesse texto ao menos, essa tal de *filosofia* para Descartes?

Desejaria explicar, primeiramente, o que é a Filosofia, começando pelas coisas mais comuns: esta palavra, Filosofia, significa o estudo da sabedoria e, por sabedoria, não entendemos somente a prudência nos negócios, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber para a conduta de sua vida para a conservação de sua saúde e para a invenção de todas as artes.¹²

¹⁰ Ibidem, § 2, p. 407, (*Grifos nossos*).

¹¹ DESCARTES. *Regras para a orientação do espírito*. 1999, p. 21.

¹² Ibidem, p.21.

Ora, se a Filosofia é, como nos mostra o excerto acima, o estudo da sabedoria, é justamente pelo *filosofar* – isto é, pelo exercício livre de uma *busca*, exercício este só possível, como se verá adiante, a partir e por meio do próprio pensamento em sua mais plena liberdade – que será possível alcançá-la. É justamente essa atitude que faz tanto o pensamento quanto a pesquisa¹³ em seu sentido autêntico – *filosofar* – ganharem em Descartes plena autonomia: não haveria modo, meio ou método mais legítimo para o alcance dessas primeiras causas ou princípios, ou mesmo da verdade, que viesse a possibilitar o alcance da sabedoria.

O problema da verdade em Descartes

[Descartes] tão logo acabados seus estudos, renunciou completamente a procurar a ciência nos livros, mas se pôs a viajar para observar o mundo, com a esperança de que nele descobriria enfim a verdade. Havendo notado tantas diversidades e contradições entre os costumes dos homens quantas já encontrara entre as opiniões dos filósofos, Descartes resolveu enfim não mais procurar a verdade senão em si mesmo e em seu próprio pensamento.¹⁴

A primeira parte do *Discurso do Método*, a que se refere Gilson no excerto acima, mostra a decisão de Descartes de viajar na tentativa de encontrar a verdade. Entretanto, Descartes diz notar muitas contradições entre os povos tanto quanto havia dentre as opiniões dos filósofos da Escola. Ao que tudo indicava, nada havia em sua peregrinação que garantisse a certeza de algum conhecimento verdadeiro ou mesmo o alcance dos princípios da filosofia. Por isso, resolveu procurar a verdade a partir da própria experiência do pensamento. Porém, como Descartes faz isso?

Ora, para exercer essa autonomia do pensamento na busca pela verdade, Descartes não pode valer-se – como já dito anteriormente – apenas da História

¹³ Acerca da noção de filosofar em Descartes (e outras noções) que em sentido forte pode ser entendido como pesquisa (*Recherche*), apoio-me no livro *O Filósofo e o Autor* de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares, sobretudo nas aulas ministradas por ele no curso sobre Descartes.

¹⁴ GILSON, 2011, p. XL.

da Filosofia, pois os princípios – sementes de pensamento – não podem ser apreendidos de nenhum saber já constituído sobre os fundamentos antigos, sobre as antigas opiniões da Escola e sobre os preconceitos adquiridos da infância. Antes, têm de ser descobertos a partir do próprio espanto que o mundo, a vida e a experiência mais imediata e aparentemente cotidiana lhe provocam. O espanto que provoca o pensamento é aquele que se dá pelo fogo da lareira que aquece o corpo; da mão que toca o papel; da cera que o calor desfaz perante os olhos que a observa; da desconfiança de que o Sol, que reside no horizonte dos céus e se nos mostra assim aos sentidos, não seja maior do que parece; da música que movimentava as paixões da alma. Como diria Schopenhauer, essa postura de Descartes pode ser compreendida como a postura de um autêntico filósofo: “de fato, o filósofo se torna filósofo por uma perplexidade da qual tenta se subtrair”¹⁵. Com efeito, há homens que, diante dos livros e dos ensinamentos daí provenientes, esforçam-se para absorver, pelo espírito, muitos desses conteúdos e se contentam ao buscar neles o modo de compreender a vida. Há os que, atônitos em face dos conceitos e dos sistemas filosóficos, creditam nestes a compreensão das coisas elas mesmas. Contudo, há raramente filósofos que, contrariamente àqueles, sentem-se perplexos por apenas ver e perceber a vida e o mundo. O que separa o filósofo inautêntico do autêntico, diz Schopenhauer: “é o fato, para este, de a perplexidade provir da visão do mundo mesmo, enquanto que para o primeiro provém simplesmente de um livro, de um sistema já existente”¹⁶. O *filosofar* autêntico irrompe da “inarredável condição mortal” do filósofo, como que um grito das entranhas de sua existência.

É assim que, para Descartes, manifesta-se a perplexidade diante do mundo, provocando-o e lançando-o à sua investigação: perante o tato – tocar o papel, sentir o fogo, aquecer-se ao Sol –, pergunta-se “o que é ver?”. É assim que se manifesta o *filósofo* em Descartes. O *filósofo* é aquele que se pergunta do que realmente temos certeza quando atenciosamente “vemos” as coisas a partir dessa

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: Unesp, 2005. P. 78.

¹⁶ *Ibidem*, p. 78.

espontaneidade do pensamento. É justamente aí que se inicia o *filosofar* cartesiano, quando se concede ao pensamento o ensejo de ser interlocutor do filósofo a partir da exigência de alcançar a verdade, não pela via indireta e suspeita da tradição nem a partir de uma questão da Lógica ou da teoria do conhecimento somente, mas pela experiência direta com a vida e com o mundo. E nessa interlocução, o *filosofar* é a atividade capaz de conferir a esses interlocutores – filósofo e pensamento – a sua livre espontaneidade, a sua potência para conhecer.

A busca pela verdade emerge, assim, a partir do desejo de compreender o que esse interlocutor – o pensamento – pode oferecer, a partir de si mesmo, ao filósofo. Essa potência mais própria do pensamento – buscar a verdade a partir e mediante o seu mais livre exercício, destituído de toda condução prévia de conhecimentos já suposta e dogmaticamente certa – faz emergir o sentido mais originário da *cogitatio*. Tal como diz Soares: “o esforço para buscar a verdade se torna também um esforço para restituir o valor originário e restabelecer a situação própria da *cogitatio*”¹⁷.

Esse sentido mais originário do *filosofar* em Descartes, gerado a partir do *espanto* até mesmo diante da experiência mais cotidiana, torna possível circunscrever o momento em que se vê emergir, em sua filosofia, o problema acerca da verdade. Este problema surge a partir de uma suspeição, não apenas em relação aos prejuízos adquiridos na infância e na Escola, mas de uma suspeição até mesmo do óbvio que circunda a experiência mais imediata do senso comum.

Na *Regra I* de suas *Regras para a Orientação do espírito* é possível notar, por exemplo, que a questão da verdade já acompanha Descartes: “Os estudos devem ter por meta dar ao espírito uma direção que lhe permita formular juízos sólidos e verdadeiros sobre tudo o que se lhe apresenta.”¹⁸ Como já dito anteriormente, o conceito de Filosofia em Descartes significa o estudo da sabedoria. Na

¹⁷ SOARES, Alexandre. O Sentido da Cogitatio em “A Busca da Verdade” de Descartes. *Revista Educação E Filosofia*, Vol. 25 - Número Especial, 2011. P.310.

¹⁸ DESCARTES, *Regras para a Orientação do Espírito*, p. 1.

enunciação da *Regra I*, o estudo se erige com o dever de dar à inteligência a condição de formular juízos verdadeiros acerca de todas as coisas que se apresentam à mente. Nota-se que Descartes reconhece a necessidade de estabelecer para os estudos a condição de encontrar a verdade não mais nas coisas propriamente, mas nas coisas que se apresentam à mente, isto é, no próprio pensamento. O fim, que é o alcance da verdade, tem por meio os estudos. Descartes estabelece, no entanto, uma tarefa para os estudos que difere profundamente da erudição. Segundo afirma Gilson, a diferença ocorre pelo fato da tradição voltar seus esforços para o alcance da verdade acerca das coisas elas mesmas, ao passo que o alcance da verdade em Descartes reside inteiramente nas coisas que se apresentam ao pensamento, o que faz toda a diferença acerca do modo de estudar e de *filosofar*¹⁹.

Na Sinopse da Primeira Meditação, Descartes ressalta esse aspecto do *filosofar* por meio do qual o pensamento, em seu exercício plenamente livre, ofereça a partir de suas próprias exigências, ou melhor, de uma dúvida hiperbólica, um caminho livre para que seja possível efetivamente alcançar conhecimentos verdadeiros – vale dizer, libertar o pensamento dos preconceitos da escola – em busca do descobrimento da verdade e dos princípios da filosofia:

E, mesmo que a utilidade de uma dúvida tamanha não apareça de imediato, é ela no entanto muito grande por deixar-nos livres de todos os preconceitos, por aplainar um caminho em que a mente facilmente se desprenda dos sentidos e por fazer, enfim, que já não possamos duvidar das coisas que, em seguida, se descubram verdadeiras.²⁰

Ora, a alguns, a busca cartesiana pela verdade parece ser um truísmo, mas sua força está justamente em levar a sério aquilo que parece óbvio, pois, como já destacou-se anteriormente, nada parece tão misterioso em Descartes do que buscar compreender com certeza o que significa “ver”. “Vemos o Sol, mas o Sol

¹⁹ GILSON, p. XII, 2011.

²⁰ DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, 2004, p.19.

não nos conta o seu segredo”. O segredo se esvai na linguagem, na consideração, na explicação. Por isso, a busca cartesiana para alcançar a verdade requer um caminho livre para que o pensamento diga ao filósofo o que são as coisas, sem que haja vestígios das opiniões adquiridas desde a infância ou o embotamento do próprio pensamento, cuja provocação já não teria razão de ser diante da concepção Escolástica de uma ciência dogmática, paralisante e dispendiosa.

Daí a postura cartesiana diante de *La Flèche* e da História da Filosofia: trata-se de um querer conhecer autônomo que visa pôr todos os atos de pensar inteiramente despidos de qualquer preconceito na procura pela verdade. Porém, se a exigência do exercício inteiramente livre do pensamento leva Descartes a se colocar contra o cego dogmatismo da tradição, não o autoriza, porém, a assumir uma atitude radicalmente cética – outro modo de ser dogmático – sem, antes, examinar se na tradição existe alguma via de investigação que favoreça o alcance dos primeiros princípios ou de ao menos algum critério capaz de garantir a certeza de algum conhecimento verdadeiro. É assim que Descartes se põe ao exame de todas as autoridades que, de algum modo, arrogam-se possuir algum conhecimento já constituído ou consolidado, a fim de investigar se poderiam oferecer critérios efetivamente seguros para o alcance da ciência ou do conhecimento verdadeiro.

A tradição como relicário da verdade

A filosofia é, por definição, o amor e a busca da sabedoria. Mas o que é a sabedoria? É a coisa mais desejável do mundo, e, contudo, aquela em que os homens menos pensam. Os melhores dentre eles contentam-se em acumular uma erudição que sobrecarrega a memória sem enriquecer o espírito, ou imaginam que lhes será suficiente estudar tão minuciosamente quanto possível as propriedades das coisas para fazer o mais perfeito uso de seu pensamento.²¹

²¹ GILSON, p. XL, 2011.

Tal como observa Gilson, a sabedoria é a coisa mais desejável dos homens. No entanto, se a sabedoria é procurada apenas em vista do acúmulo de erudição sem que esse saber se faça instrutivo à vida, o valor que os eruditos atribuem à sabedoria pode ser também um preconceito que Descartes teve de enfrentar. De modo que, como vimos no primeiro parágrafo da *Carta Prefácio*, a própria definição de *filosofia* em Descartes está num diferente compasso da perspectiva de acúmulo de conhecimento. A definição da *filosofia* carrega em si o desejo de estudar a sabedoria a serviço da conduta da vida.

Seria, contudo, a História, isto é, o modo de conhecer histórico da filosofia – cujo aprendizado se definiria estritamente pela assimilação dos conteúdos, seja na intenção de reproduzir o conhecimento já estabelecido como verdadeiro, seja a fim de orientar a investigação a partir de princípios já firmemente assentados –, a ciência – a autoridade – que permitiria a Descartes encontrar algum conhecimento verdadeiro? Essa via ofereceria, de fato, a garantia exigida pelo filósofo para assegurar-se da correspondência dos juízos à realidade ou mesmo de garantir a conduta da vida? Para Epistemão, o “sábio” personagem de Descartes no diálogo *La Recherche de La Verité*, sem dúvida, a História é autoridade inquestionável, como se fosse ela própria o relicário da verdade. Por essa via, a do conhecimento “histórico” da filosofia, tal como a compreende a tradição e, portanto, a Escola, assimilam-se com robustez as categorias de Aristóteles, requerendo a precisão de suas fórmulas. Soma-se, então, a precisão com a robustez ao esqueleto dos séculos, para que assim o conhecimento histórico assuma o estatuto de ciência indubitável e, desta maneira, garanta a correspondência efetiva, à realidade das coisas, tal a via pela qual se orienta *La Flèche* à pesquisa ou à busca pelo conhecimento verdadeiro.

No entanto, o bacharel Descartes sente-se pouco douto e nada sábio ao fim de seus estudos em *La Flèche*, tal como mostra o trecho abaixo do *Discurso do Método*:

Fui alimentado com as letras desde minha infância, e, por terem me persuadido de que por meio delas podia-se adquirir um

conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, tinha um imenso desejo de aprendê-las. Mas, assim que terminei todo esse ciclo de estudos, no termo do qual se costuma ser acolhido nas fileiras dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me encontrava enredado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não ter tirado outro proveito, ao procurar instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais minha ignorância.²²

Vê-se aí que Descartes diz que está ao fim do curso atravessado por dúvidas, mas as incertezas não desvanecem sua busca pela verdade. Descartes, entretanto, não quer a verdade pela verdade, ou seja, a aquisição e acumulação de um conhecimento apenas por seu estatuto verdadeiro, tal como quer a tradição. Deseja, antes, reencontrar no pensamento o estatuto que garanta tal certeza. Por isso mesmo, não pode confiar em princípios sustentados a partir de um conhecimento meramente histórico, uma vez que no campo histórico há uma insuficiência tal que não permite a Descartes assegurar-se da efetiva correspondência dos juízos dessa ciência à realidade, o que impede que o filósofo conceda efetiva confiança a esse conhecimento supostamente verdadeiro.

Dessa maneira, não é prudente confiar na via de que faz uso o conhecimento meramente histórico como expediente seguro para alcançar a certeza dessa correspondência e, então, da verdade que os juízos dessa ciência pretendem proferir. Como diria outro filósofo, “na história não há fatos, mas tão somente interpretação de fatos”²³. Se o conhecimento meramente histórico mostrou-se para Descartes insuficiente, seria, então, a revelação pela graça de Deus a via de investigação capaz de assegurar a correspondência dos juízos à realidade?

Verdade como revelação

Na Segunda Meditação, Descartes fala de uma velha crença em um Deus. Evoquemos a via da Revelação Divina no aspecto dessa velha crença: “Eu, o

²² DESCARTES, *Discurso do Método*, 2011, p. 10.

²³ NIETZSCHE, F. *Considerações Intempestivas*, 2003.

Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito. Congregai-vos e vinde”²⁴. Ao declarar esse juízo, o profeta o faz por Revelação. Assim, a ação divina comunica aos homens os desígnios de Deus por meio do profeta, sendo a verdade pressuposta pela via da revelação. Além disso, essa via se situa em um plano acabado e perfeito, pois é o próprio Deus e Senhor que mostra a verdade ao homem. Assim, não há esforço ou estudo para o descobrimento da verdade, mas trata-se da própria graça divina que revela a verdade. Todavia, Descartes não inclui a revelação de Deus entre os graus da sabedoria. Diz Descartes: “a verdade Divina não nos conduz de forma gradual ao conhecimento, mas eleva-nos, de repente, a uma crença infalível”²⁵.

De um lado, Descartes não desconsidera que a graça divina possa revelar verdades²⁶. Já por outro lado, não pode partir da Revelação para se assegurar da verdade do conhecimento. A busca pela verdade, tal como Descartes se propôs a fazer, exige que se dê por uma via que não a da Revelação. Uma via que, ao invés, exija esforço e estudo. Ora, iniciar a buscar pela verdade a partir da revelação Divina privaria Descartes da dimensão da pesquisa, da dimensão da busca, pois a Revelação de Deus desvela a verdade de graça pela graça. Dito mais diretamente, a Revelação da verdade pela graça de Deus retira do homem a condição de filósofo – pesquisador –, retira justamente o sentido mais originário do seu filosofar. Entretanto, pensar filosoficamente exige e implica uma vocação muito diversa.

Para o filósofo, filosofar é pensamento livre que não se compromete com verdades dogmáticas, mas, muito ao contrário, está permanentemente disposto ao questionamento mesmo de qualquer conceito de “verdade”, sejam aqueles que pretendem assentar-se pela autoridade da tradição – o erudito – ou pela “inquestionável” Revelação – o profeta. É precisamente por isso que o campo no qual Descartes procura a verdade é estritamente filosófico. Trata-se, na realidade, da investigação de um homem que não é profeta, mas filósofo. O filósofo

²⁴ O trecho citado se encontra no § 45:19 de Isaías, profeta do antigo testamento.

²⁵ DESCARTES. § 4 da *Carta Prefácio*, 2005.

²⁶ DESCARTES. *Segundas objeções*, 1996. p. 172.

trabalha com os instrumentos próprios de sua investigação, isto é, “com o inventário dos próprios pensamentos”²⁷, suas meditações, “com o intelecto, a imaginação, os sentidos e a memória”²⁸.

Ora, o profeta e também o erudito geralmente representam alguém que encerra a sabedoria em si, isto é, alguém dotado de ciência. O filósofo está, assim, de certo modo, em desvantagem em relação ao profeta e ao douto, pois como amigo do saber não é propriamente seu possuidor, “mas deseja-o como consequência do amor”²⁹. Daí a necessidade da pesquisa, da investigação. Por isso, diz-se que o filósofo tem uma relação de amizade e não de posse com a sabedoria, como é, ao invés, o caso do profeta e do erudito.

Tal relação de Descartes com a pesquisa se encontra presente no *Discurso do Método*, obra na qual se propõe fazer um discurso e não uma doutrina do método. Longe de ser, então, um receituário, um sistema filosófico, tampouco uma doutrina acerca do alcance da verdade. Discursar sobre o método e não doutrinar o método é o cuidado que Descartes toma para não engajar o próprio espírito outra vez em vias desconhecidas e de manter a sua postura de filósofo diante o objeto amado, isto é, a verdade³⁰.

Importa, nesse ponto, entender o cuidado que, para Descartes, a verdade exige para ser alcançada, porque nada há – ainda –, nem mesmo na tão arrogada ciência dos *doutos*, que resista ao crivo da mais mínima suspeita. Nesse sentido, discursar sobre o método serve como advertência. Advertência de que não basta fiar-se em qualquer método doutrinário ou escolar para alcançar a verdade, até que ao menos algum deles mostre ser capaz de resistir às investidas da dúvida. *Discursar* sobre o método expressa, portanto, a necessidade de, por meio de uma total autonomia do pensamento, descobrir paulatinamente, no desenrolar do seu próprio curso, as exigências que faz o próprio pensamento para satisfazer-se plenamente com o que vier a reconhecer como indubitavelmente verdadeiro.

²⁷ SOARES, 2011.

²⁸ DESCARTES. *Regras para a Orientação do espírito*, 1999. (Regra XII)

²⁹ SOARES, 2008, p. 41.

³⁰ Idem.

Daí ser necessário investigar qual a melhor via para a direção do pensamento no exercício máximo dessa autonomia: para não correr o risco de se equivocar como aquele homem da *Regulae IV*, que arde de desejo por um fantasioso tesouro. É justamente para encontrar essa direção que é preciso criticar as vias da investigação e averiguar se ao menos alguma pode, a rigor, oferecer um caminho efetivamente seguro para alcançar a verdade. Porém, se nenhuma resistir a essa exigência, a refutação torna-se imprescindível e fundamental, pois que é – ainda que negativamente – o maior bem que se pode obter diante de uma coisa que se apresenta confiável, mas, de fato, não é.

É, então, no âmbito da investigação e, sobretudo, de uma postura filosófica que Descartes pretende buscar uma elucidação da verdade que permita reconhecer o verdadeiro como verdadeiro. Longe de ser, assim, alcançada a partir do mero conhecimento erudito, histórico ou mesmo revelada pela graça de Deus. Contudo, uma vez que Descartes, como se viu, esgota a pretensa suficiência da verdade no âmbito da história e da Revelação, haveria, então, no senso comum ao menos um conhecimento verdadeiro – tal como Descartes propõe alcançar?

A verdade como correspondência ou adequação

Os que sustentavam a certeza supunham-na dependente dos sentidos e neles confiavam inteiramente, ao ponto de Epicuro, ao que se diz, ter ousado afirmar, contrariando assim todos os raciocínios dos astrônomos, que o Sol não é maior do que parece.³¹

Ao se perguntar ou afirmar se qualquer ciência ou crença corresponde à realidade, pressupõe-se nesse juízo alguma confiança acerca dessa correspondência. No trecho acima da *Carta Prefácio*, Descartes analisa a concepção de Epicuro, segundo o qual a confiança e a certeza é garantida por

³¹ SOARES, Alexandre. Unicamp, 2008. Alusão à *Carta a Pythocles*, apud D. Moreau, in R. Descartes, *Lettre-Préfaces des Principes de La Philosophie*. Présentation et notes par Denis Moreau. Paris: Flammarion, 1996, p. 62, nota 35.

meio dos sentidos. Em certa medida, nada mais convincente ou sensato afirmar a certeza da proposição *O Sol é ele mesmo o que sinto aquecer o corpo*, se de fato sentirmos o Sol aquecer o corpo.

Entretanto, mesmo a mais simples descrição da visão com relação ao Sol contém vários pressupostos habitualmente não questionados pelo senso comum e, até mesmo, por alguns filósofos. Como num acorde no qual se desconhece qualquer dissonância e, assim, pressupõe-se, daí, uma harmonia natural das notas que o compõem, Epicuro, segundo o trecho acima citado, afirmava que a verdade provinha da apreensão mais direta pelos sentidos. A verdade, assim, se ofereceria, segundo Epicuro, numa tal obviedade que sem necessidade de qualquer explicação é suficiente para fundar a certeza da adequação entre juízos e fatos a respeito da realidade e os próprios fatos.

Contudo, em *Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano*, Landim Filho mostra que essa concepção da verdade, muito semelhante a do senso comum, envolve três noções distintas: proposições, fatos e a relação de correspondência ou adequação entre juízos e fatos³². No princípio de adequação, afirma-se que se uma proposição corresponde ao fato que descreve é, portanto, verdadeira. Por exemplo, é verdadeira a proposição *o Sol é amarelo*, se, de fato, o Sol é amarelo. Porém, Landim destaca que essa teoria da verdade pressupõe um acesso privilegiado aos fatos e às coisas, independentemente dos juízos que descrevem os fatos e as coisas. Com efeito, se considerarmos atentamente a relação de adequação entre proposições e fatos, perceberemos, diz Landim, que se trata de relação assimétrica: “são as proposições, e não os fatos, que têm uma função descritiva”³³. Isso quer dizer que quanto mais se justifica ou se questiona o acesso à verdade de alguma coisa, seguindo o princípio de adequação, mais se descreve apenas proposições, uma vez que esse conceito não garante de forma alguma a certeza do conhecimento do fato ou da coisa.

³² LANDIM, Raul. *Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano*. São Paulo – Loyola, 1992. p. 11.

³³ *Ibidem*.

Nessa perspectiva, ao afirmarmos *o Sol é amarelo*, a verdade dessa proposição, que pretende expressar a efetiva correspondência entre tal proposição e o fato que ela descreve, não apenas pressupõe o próprio acesso ao Sol – ele mesmo –, mas também exige uma garantia da efetividade desse acesso que, na realidade, não há. Para que essa concepção de verdade possa valer minimamente para a operacionalidade das ciências em suas investigações ou para a certeza do alcance de qualquer conhecimento, não basta pressupor que haja, de fato, um acesso às coisas em si e ao mundo em si, isto é, que o Sol que se vê e que aquece o corpo é, de fato, o Sol ele mesmo. É preciso demonstrar, com certeza inabalável, que isso é verdade, ou seja, que há indubitavelmente esse acesso aos fatos e às coisas.

O conceito de verdade como adequação ou correspondência funda-se, pois, em última instância, em uma crença: a de que há efetivamente esse acesso aos fatos e às coisas sem que se procure prová-lo ou demonstrá-lo de modo inquestionável. A teoria da verdade como adequação diz respeito, portanto, meramente às proposições e não aos fatos eles mesmos, com os quais, por sua vez, não tem relação alguma. Pode-se notar daí que a concepção da verdade como adequação não é capaz de garantir a certeza do conhecimento de qualquer coisa, pois o princípio de correspondência não demonstra nem justifica qualquer conhecimento verdadeiro e nem mesmo é capaz de oferecer o alcance desses conhecimentos. Assim, a obviedade de um juízo, para Descartes, não é suficiente para justificar a certeza do alcance de ao menos um conhecimento verdadeiro. É preciso, antes, mostrar como que se reconhece o óbvio.

Por conseguinte, o problema que se apresenta a Descartes nessa concepção da verdade como adequação não é apenas que ela tem como pressuposto um acesso privilegiado aos fatos e às coisas. Entretanto, mais que isso, que nada há, ao menos até então, nos princípios e nas ciências ou em qualquer teoria da verdade que Descartes dispõe, que possa garantir e mostrar a indubitável efetividade desse acesso.

Como ressalta Landim³⁴, a teoria da verdade como adequação, sobre a qual se funda o senso comum, limita-se ao campo lógico. Por isso, a lógica, considerada do ponto de vista formal, é insuficiente para mostrar a existência de ao menos um conhecimento verdadeiro, e, portanto, ineficaz para constituir princípios da ciência ou mesmo permitir reconhecer conhecimentos verdadeiros de coisas – objetos. Tal insuficiência do critério estritamente lógico evidencia, segundo Landim, a necessidade de um critério ontológico³⁵. De modo que, a verdade – a que Descartes está à procura – exige sim uma função lógica. No entanto, mais do que uma função lógica, a busca cartesiana exige uma função ontológica, isto é, requer um princípio ou causa primeira da qual se possa adquirir com certeza o conhecimento de coisas “fora do pensamento”.

Considerações finais

Este trabalho procurou explicitar como, a partir do enfrentamento da tradição, Descartes percebe a necessidade e urgência de traçar o problema da verdade para enfrentá-lo de uma maneira radical, engendrando com a tradição um campo de problematicidade rigorosamente filosófico. Essa tensão entre a exigência da investigação cartesiana e o campo conceitual traçado pela História da Metafísica tradicional permitiu a abertura do problema acerca da verdade e manifestou para Descartes a exploração de uma esfera do pensamento mais originária ocultada pelas pesadas camadas do pensamento dogmático da *filosofia das velhas folhas*. A abertura desse horizonte investigativo mostrou-se para esse estudo uma das perspectivas mais férteis de investigação do pensamento de Descartes, porque permitiu ir ao encontro da pesquisa e dos estudos cartesianos mais atuais e contemporâneos.

³⁴ LANDIM, 1992, p. 26.

³⁵ Ibidem, p. 29

Referências

DESCARTES, René, *La recherche de la vérité par la lumière naturelle de René Descartes*, sous la direction de Ettore Lojacono, textes établis par Erik Jan Bos, lemmatisation et concordances du texte français par Franco A. Meschini, index et concordances du texte latin et néerlandais par Francesco Saita. Filosofia e scienzanelcinquecento e nelseicento. Milano, FrancoAngeli, 2002.

_____. *Discurso do método; As paixões da alma; Meditações; Objeções e Respostas*. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

_____. *Oeuvres de Descartes*, publiées par Charles Adam et Paul Tannery, 11 vols. Paris, Vrin, 1996.

_____. *Meditações sobre Filosofia Primeira*, tradução de Fausto Castilho. Campinas, Cemodecon-Ifch-Unicamp, 2004.

_____. *Princípios da Filosofia*, tradução de Guido Antônio de Almeida, Raul Landim Filho, Ethel M. Rocha, Marcos Gleiser e Ulysses Pinheiro. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.

_____. *Discurso do Método*, Introdução, análise e notas de Étienne Gilson, São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. *Carta-Prefácio aos Princípios da Filosofia*, tradução de Alexandre Guimarães Tadeu de Soares. In: *Educação e Filosofia*, número 38. Uberlândia, EDUFU, 2005.

_____. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LANDIM FILHO, Raul. *Evidência e verdade no sistema cartesiano*. São Paulo, Loyola, 1992.

NIETZSCHE, F. *Escritos sobre História. II Consideração Intempestiva*, Rio De Janeiro, Loyola, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo, Unesp, 2005.

SOARES, Alexandre Guimarães Tadeu de. *O Sentido da Cogitatio em "A Busca da Verdade" de Descartes*. *Revista Educação E Filosofia*, Vol. 25 - Número Especial, 2011.

Artigo recebido em 23.09.2013

Artigo aprovado em 17.01.2014